





RENACIONALIZAÇÃO PRODUTIVA

O modelo de produção industrial internacionalizado, baseado no modelo de empresas-redes globais, passa por uma crise na atualidade, e o Brasil, se adequadamente preparado, poderá dela beneficiar-se

POR CLAUDIO SALVADORI DEDECCA

No final dos anos 1970, a experiência do desenvolvimento japonês disseminou por todo o mundo um novo modelo industrial que colocou em xeque o modelo fordista até então difundido pelos Estados Unidos.

A inovação proposta pelos japoneses baseava-se em um novo arranjo produtivo caracterizado por processos descentralizados e um desenho industrial cooperativo entre empresas, dando origem ao modelo de empresa-rede. Esta tinha como principal característica a conformação de um sistema de produção em que a grande empresa líder articulava uma hierarquia de fornecedores que assumia tanto a produção como o desenvolvimento tecnológico de partes da cadeia produtiva.

A principal referência da experiência japonesa foi a Toyota. A empresa respondia pela montagem final, articulando toda uma rede de empresas que lhe forneciam os milhares de peças existentes em um veículo. Ao contrário do observado nas empresas americanas, que recebiam peça a peça e realizavam a montagem quase completa do veículo em suas linhas de produção, a Toyota recebia subsistemas já montados.

O painel dos automóveis exemplifica bem as diferenças que existiam entre esses dois tipos de empresas. Enquanto no modelo americano a montagem do painel era totalmente realizada em suas plantas, no modelo japonês esse processo era realizado por um fornecedor e chegava à linha de montagem somente para ser encaixado no veículo. O modelo industrial japonês permitiu uma redução substancial do tempo de produção do automóvel, que se traduziu no preço e permitiu às empresas daquele país ocupar vários mercados em todo o mundo.

AS EMPRESAS-REDES. O poder competitivo das montadoras japonesas se refletiu pelo incremento da sua participação no principal mercado de automóveis do mundo, o americano. Ao longo dos anos 1980, sua participação pulou de algo pouco superior a 5% para quase um terço daquele grande mercado.

A difusão das empresas-redes japonesas foi alavancada pela progressiva abertura das fronteiras nacionais observada nas últimas décadas. Em uma matéria publicada anos atrás em um importante jornal americano, analisava-se o processo de produção do rádio de um automóvel japonês. Segundo o jornal, as partes do rádio eram produzidas no sudeste asiático; a montagem era realizada no México; depois ele era colocado em um automóvel fabricado no Japão, que, finalmente, era vendido a um consumidor no mercado americano.

As empresas-rede foram difundidas para fora do setor industrial, permitindo, por exemplo, que grandes cadeias de supermercado passassem a construir redes internacionais de fornecedores. O resultado desse novo modelo produtivo foi a transformação das fábricas nacionais em internacionalizadas, criando um fluxo crescente de comércio internacional, que acabou elevando anualmente o volume de bens transportados entre continentes.

Ao redor dos maiores aeroportos do mundo podem se encontrar grandes áreas de armazenagem utilizadas por essas empresas e demandadas pelo *outsourcing* do processo

PODEMOS ESTAR DIANTE DE UMA RENACIONALIZAÇÃO PRODUTIVA NOS PAÍSES COM GRANDES MERCADOS INTERNOS POTENCIAIS, ESPECIALMENTE NOS PAÍSES COM MAIOR POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO DE ENERGIA A MENOR CUSTO

produtivo internacionalizado. Diversas dessas áreas podem ser encontradas, para tomar um exemplo local, em um raio de 20 quilômetros do Aeroporto Internacional de Viracopas, em Campinas.

RAZÕES DA EXPANSÃO. Estudos sobre esse novo modelo industrial internacionalizado mostram que dois fatores foram extremamente importantes para a sua difusão nestes últimos 20 anos: a redução dos preços dos transportes, decorrente de avanços tecnológicos e da trajetória declinante dos preços do petróleo nos anos 1980 e 1990; e os baixos salários pagos nos países responsáveis pelas fases mais intensivas de mão-de-obra do processo produtivo.

O papel da China enquanto fábrica do mundo tem sido tomado como exemplo na literatura que analisa a configuração atual do modelo industrial internacionalizado. A fabricação de tênis ou a montagem de um liquidificador naquele país permite lucros expressivos para as grandes empresas americanas, que os vendem a preços elevados nos mercados dos países desenvolvidos e em desenvolvimento.

CRISE DO MODELO. A atual crise do capitalismo dos países desenvolvidos, com origem nos Estados Unidos, tende a colocar em xeque esse modelo, ao comprometer os dois pilares que justificaram sua criação e difusão. A possibilidade de autonomia relativa do crescimento dos países emergentes, sustentada em seus mercados internos e pelo comércio existente entre eles, deverá ser acompanhada por uma elevação de seus salários reais, ao mesmo tempo em que os salários nos países desenvolvidos podem cair. Dados do Bureau of Labor Statistics (BLS) dos EUA sinalizam o estreitamento da diferença entre os salários médios dos países em desenvolvimento e os dos desenvolvidos.

Ademais, o recente ciclo de elevação dos preços do petróleo indica que o produto não deverá retornar a um patamar muito inferior a US\$ 100,00. Situação correlata tem sido observada também no caso de outras *commodities*, como as metálicas. O custo elevado da energia tem colocado em risco a sobrevivência de grandes empresas do setor de transportes, as quais não conseguem repassá-lo para o custo dos serviços prestados. Caso essa situação se concretize, poderemos observar uma renacionalização produtiva nos países com grandes mercados internos potenciais. Esse processo poderá ser particularmente mais intenso nos países com maior possibilidade de produção de energia a menor custo.

Por fim, é importante apontar também os problemas ambientais que as empresas-redes globais são capazes de gerar em seu processo produtivo, especialmente ao reiterar um padrão tecnológico débil nos países em desenvolvimento e ao queimar um volume respeitável de combustível fóssil no transporte de carga por via aérea ou marítima.

OPORTUNIDADES À VISTA. Tudo o que foi apontado na seção anterior pode não ocorrer, caso o preço do petróleo volte ao baixo nível de alguns anos atrás ou caso o dinamismo econômico das economias em desenvolvimento venha a ser comprometido pela crise dos países centrais, o que impediria a tendência de elevação dos salários. Seja como for, a economia brasileira pode se beneficiar com as transformações prováveis no modelo de internacionalização comercial hoje em vigor.

Assim, a consolidação das políticas setoriais e de renda voltadas para a ampliação do mercado interno, combinadas com outras políticas de educação e emprego, e a definição de uma estratégia de longo prazo para a exploração do potencial energético do país poderão favorecer o dinamismo econômico nacional atraindo capitais internacionais. ✘